



GT1 - POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO NA PAN AMAZÔNIA

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO MUSEU DO ESTADO DO PARÁ: PATRIMÔNIOS E DISCURSO EXPOGRÁFICO.

Andrey Manoel Leão de Leão¹

INTRODUÇÃO

De acordo com Comitê Internacional de Museus (ICOM), órgão responsável pela a definição de museu, os museus seriam instituições “(...) sem fins lucrativos, permanente, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio tangível e imaterial da humanidade e do seu meio ambiente para fins educativos, estudo e diversão” (ICOM, 2020). Portanto, os Museus são instituições públicas, voltadas ao interesse da população e a seu serviço, que busca contar e salvaguardar a história e cultural local.

Contudo, esta definição atual de museu é resultado de discussões sobre a função social destes espaços a partir de críticas sobre o histórico destas instituições. Estes espaços tiveram sua *genesis* na modernidade, que seria onde pela primeira vez há um padrão mundial que surge devido à consolidação de um só mundo, que a partir da expansão portuguesa desde o século XV, atinge o extremo oriente no século XVI e o descobrimento da América hispânica. Assim, todo o planeta é visto como um lugar só, com uma só história. A Europa, de onde surge o sistema e a concepção de modernidade, seria o centro e todas as outras culturas seriam suas periferias (DUSSEL, 2005). As instituições modernas seriam as responsáveis pela implementação dessa narrativa universal que apresenta certas discontinuidades com as culturas e modos de vidas considerados não modernos, aqueles que não fazem parte do padrão europeu (GIDDENS, 1991). Ou seja, a implementação delas seria essencial para gerar a padronização de ação e pensamento pretendida e a subjugação dos outros modos que não

¹ Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico-Umido pela Universidade Federal do Pará, CNPQ, andreyleao2@gmail.com

faziam parte desse centro de poder, sendo o Museu uma destas. Logo, os museus foram construídos a partir de um caráter colonizador e hierarquizante.

Além, disso, essas instituições tem uma potencialidade social, devido seus objetos históricos, culturais, representativos serem documentos, eles assumem uma validação da narrativa, pois o fato histórico, objeto, tem poder sobre a realidade. Ou seja, sensibilização feita pelos museus busca tornar agradável para o visitante e, por isso, cria-se a ilusão da presença da história de fato (MONTALVÃO, 2003). Portanto, eles carregam consigo toda uma estrutura de poder que impõe: “Isto é importante porque representa o passado. Isto é importante porque nos representa.” Logo, eles tornam-se espaços que tem forte poder de coesão e são vistos como os donos das verdades, espaços tidos como completos, absolutos e conclusos, como se toda a história que estivesse contida ali fosse pautada na exatidão do real.

PROBLEMÁTICA DOS MUSEUS

Devido essas instituições ainda carregar sua estrutura tradicional, que tem como origem um modelo saqueador sobre nações e grupos diferentes do centro de poder europeu, elas fazem parte de uma tradição que solidifica uma identidade elitista de uma classe que impõe um real histórico baseado em uma percepção individualista sobre o passado.

Embora a sua função social de museus seja discutida paulatinamente no meio museal há décadas, tendo mudado a sua visão inicial a fim de melhor atender a sociedade e discutir seus problemas, nem todas as instituições aderem a essa mudança. Por isso, museus que carregam esta estrutura tradicional hierarquizante e colonizador estarão sendo reprodutores de colonialidade. Ou seja, produzindo a manutenção de processos de dominação da colonialização na atualidade (QUIJANO, 2005).

Devido a isso, estudei a exposição de longa duração do Museu do Estado do Pará, que tem como caráter ser um museu histórico. Baseando-se na ideia que se deve ver essas instituições além de um pensamento democrático, mas também como instrumentos que combatem e debatem sobre problemas locais, se tornando essenciais contra o preconceito, contra a discriminação, a favor da diversidade, contra o autoritarismo e a favor da democracia. Ou seja, espaços decoloniais, que fazem uma luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos (MALDONADO-TORRES, 2019).

Portanto, os museus devem agora na atualidade ter como horizonte a colonialidade e sua lógica, para que as narrativas feitas por ela sejam compreendidas, entender como foram construídas e como elas subjugarão as outras formas de pensamentos, mostrando como as

hierarquias culturais causaram e causam formas de violência e dominação, e assim buscar subverter essas visões para um desenvolvimento social.

HIERARQUIZAÇÃO

No Brasil, essas hierarquias culturais se mostram na atenção maior dada aos imigrantes europeus e na exclusão das populações indígenas e africanas do perfil de população que se buscava (COSTA, 1999). Já na Amazônia, isso se mostra no ideal baseado no progresso técnico e científico do mundo moderno que se constrói através de um modelo europeu, onde o progresso se dava a partir da concepção destes e o desenvolvimento, o melhoramento da sociedade, para se alcançar o bem-estar social se daria no menosprezo da diversidade amazônica, tanto a sua biodiversidade quanto sua diversidade cultural (LOUREIRO, 2002). Ou seja, a cultura indígena e a cultura negra, nesse ideal construído, seriam culturas pobres, primitivas, e, portanto, inferiores. Assim, como não favorecem o progresso, não seriam membros priorizados nas políticas públicas para a região.

Por isso, na história do estado do Pará se predominou costumes, usos, estilos, festas populares do continente europeu, mesmo a população sendo uma mescla de homens brancos, pretos, indianos, pardos, mamelucos, curibocas e cafuzos (BAENA, 2004). O lugar atribuído pela colonização ao índio e ao negro, de serem seres inferiores, é a marca da racialização que ficaria mantida no tempo através de processos de refiguração e de interiorização de hierarquias, tendo a metrópole como modelo geopolítico (CASTRO, 2018).

ANÁLISE

Analisei, então, como se deu as representações históricas e culturais no museu do estado, estando atendo aos processos comunicacionais dessas instituições, analisando as práticas e estratégias comunicacionais feitas sobre o patrimônio da instituição e como se deu a criação do discurso sobre a região, tendo como fato que todo discurso tem um Interdiscurso, ou seja, em toda produção discursiva há um já dito por trás, que é o resultado do contexto local, da história local (ORLANDI, 2005). No caso do Pará, essas narrativas do já dito seriam toda a produção de uma hierarquização de culturas na região. Por isso, a minha visão crítica sobre a exposição de longa duração do Museu do Estado do Pará se deu na compreensão de como esse já dito está posto na expografia.



Figura 1 - Museu do Estado do Pará.

CONCLUSÃO DA ANÁLISE

Notei que a expografia do museu do estado do Pará visa resguardar uma memória de certo período e de certo grupo. A partir disso, a exposição glorifica os objetos de modo que o que é mostrado ali é bonito, é melhor e, por isso, deve ser resguardado. O que está em destaque nesse processo um estilo de vida burguês, elitista e branco, excluindo todos os demais grupos de sua narrativa, estes aparecendo apenas como pontos de curiosidades. A expografia também trabalha a monumentalidade, e com a sensibilização busca criar um vínculo do visitante com o acervo, fazendo uma ligação do passado com o presente. Isso tudo faz com que o visitante se torne mais afetivo o grupo da elite, já que não há uma sensibilização do visitante com aspectos indígenas e negros. A consequência disso é que ao apresentar um modo de vida como melhor acaba por determinar um valor menor aos outros. Embora a exposição fale sobre o “povo” (diversos grupos populares que estão embaixo de uma elite), o seu modo de vida acaba por ser menor perto da monumentalidade da vida burguesa. Ou seja, a exposição humaniza e dá um pequeno protagonismo em alguns locais a uma vida não branca e não burguesa, mas ela é vista como menor, de menos valor.

Portanto, instituições em um meio desigual e discriminante, que busquem um desenvolvimento social, devem combater essa visão, e não serem um produto dela. Nesse caso, para combater a hierarquização cultural histórica e atual, o museu deve pensar decolonialmente e ir contra a subjugação dos grupos excluídos e demonstrar como eles foram excluídos. Já na expografia do Museu do Estado do Pará, ao reforçar uma hierarquização que houve na história do estado e não busca combater, e não havendo equivalência discursiva, ele transportadas perspectivas colonializantes para a atualidade da região, ao não discuti-las e nem ligá-las aos problemas locais, o museu acaba sendo, em certos momentos, um reforçador destas perspectivas hierárquicas e preconceituosas, um reproduzidor de colonialidade.

Palavras-chave: Colonialidade; Decolonialidade; Museu do Estado do Pará; Representações expográficas; Patrimônio.

REFERÊNCIAS

BAENA, Antônio Ladislau. Ensaio Corográfico sobre a província do Pará. Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2004, 413 p.

CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. In: Edna Castro; Renan Freitas Pinto. (Org.). Decolonialidade & Sociologia na América Latina. 1ed. Belém: Editora NAEA, UFPA, 2018, v. 1, p. 25-52

COSTA, Emilia Viotti da. Da Monarquia a República. 6. ed. São Paulo: Unesp, 1999.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005. p. 24-32.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991. 156 p.

ICOM, 2020. Internacional Conselho de Museus. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition>.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. In: Revista Estudos Avançados, USP - São Paulo, v. 1, 2002. p. 107-121.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Org. Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado- Torres, Ramón Grosfoguel. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico / -- 2. ed.; - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MONTALVÃO, Cláudia Soares de Azevedo. Visualizando o passado: museu e história. In: Org. José Neves Bittencourt, Sarah Fassa Benchetrit, Vera Lúcia Bottrel Tostes. História representada: o dilema dos museus /. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 113-126.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005. p. 107-130.